

## A CRISE E O PAP

**\* Roberto Rodrigues**

Duas obviedades são repetidas todos os dias em comentários sobre a crise financeira global: a primeira é que diferentes setores foram afetados diferentemente, e, em cada setor, as empresas foram também atingidas de maneira diversa; e a segunda é que ninguém sabe quanto ela vai acabar. Pode-se acrescentar que ninguém sabe como ficarão os limites das atividades financeiras no mundo, depois que ela tiver terminado.

Apesar disso, são cada vez mais freqüentes as opiniões de que o pior já passou, embora não sejam raros os mais pessimistas.

Também parece certo que os países emergentes – entre os quais o Brasil, com um moderno e sólido sistema financeiro – sofrerão menos que os países desenvolvidos.

No nosso caso, há uma ironia: as altas taxas de juros viraram um benefício, porque podem ser reduzidas, ajudando a retomada dos investimentos, enquanto os países com juros civilizados pouco podem fazer nesta rubrica...

E o agronegócio, duramente atingido, vai procurando seus caminhos de saída.

Nos primeiros 5 meses deste ano, os preços agrícolas, em dólar, despencaram em relação ao mesmo período do ano passado. A soja, nosso principal produto de exportação, caiu 13%, as carnes perderam 17,9% do valor, os produtos florestais, 23%; o café caiu 19,4%; sucos de frutas perderam 12,6%; milho, 23,9%; etanol, 9,7%; e assim por diante.

A exceção foi o açúcar, que teve um aumento em dólar de 12%, graças a queda de produção da Índia que, de exportador passa a importador. Mas é um doce muito fugaz, porque já no ano que vem aquele país exportará de novo.

Com tudo isso, mais o estreitamento dos mercados externos e mais a redução da oferta de crédito para exportação, o agronegócio ficou mais dependente do mercado interno, que, felizmente, sofreu menos até agora.

Mesmo assim, a participação do agronegócio nas exportações brasileiras nestes primeiros 5 meses aumentou de 37,5% para 43,4%. Isso mostra que o setor vem agüentando mais a crise que os outros setores da economia. Explica-se: as exportações de soja, graças à demanda chinesa, aumentaram 20% em volume no período, e as de açúcar cresceram 41%. Milho e algodão, em menor proporção, também ajudaram este crescimento.

Mas a crise continua: os setores sucroalcooleiro, de frigoríficos de bovinos, de sucos e de café, vêm sofrendo bastante. Os plantadores de cana, café, laranja e os pecuaristas estão muito descapitalizados, e com preços abaixo dos custos. Haverá nestas áreas, ainda, muitas perdas e uma provável concentração no setor industrial.

O governo lançou, dia 22 de junho passado, o Plano da Safra, com pontos positivos. A oferta de crédito teve um crescimento de 37,8%, significativo diante da crise financeira global. A classe média rural foi atendida com aumento ainda maior que o total, com 42,5% a mais. A preocupação com a sustentabilidade foi

evidenciada com o aumento de 50% para programas como a integração lavoura/pecuária, os cuidados com o solo e a adequação às leis ambientais. O cooperativismo foi bem tratado, com 4 bilhões de crédito, contra 1 bilhão do ano passado.

Se este dinheiro chegar ao campo, como se espera, podemos ter no ano próximo uma boa safra. E, se a crise entre os emergentes diminuir, teremos novos e maiores mercados.

Mas os setores mais apertados ainda precisam de apoio forte, como já foi dado à indústria automotiva e à construção civil.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**